

A **FORMAÇÃO** COMO **DIFERENCIAL**

Em um setor em que é crescente a demanda por profissionais com alto nível de qualificação, é notável também a oferta de cursos voltados à formação de pessoas capazes de gerir de maneira eficiente as diferentes etapas da produção. Universidades e faculdades investem na modernização e na criação de estruturas curriculares que atendam às necessidades de um público exigente representado pelo mercado e por alunos atentos às muitas possibilidades de trabalho. A Granja ouviu professores e estudantes de cursos de Agronomia e de formação de tecnólogos para traçar um panorama do que é oferecido pelas escolas brasileiras e do perfil de profissional disposto a construir carreira no agronegócio

*Denise Saueressig
denise@granja.com*

Wenderson Araújo/Tritax

Leosmar Tavares, tecnólogo em Gestão do Agronegócio: curso colabora para entender a propriedade rural como uma empresa

Aos 30 anos, Leosmar Tavares faz parte da segunda turma de novos gestores em Agronegócio que se formou em fevereiro, na Faculdade de Tecnologia CNA, em Brasília. Filho de produtores rurais natural de Carolina, município no Sul do Maranhão, ele foi para a capital federal concluir o ensino médio e se matriculou também em um curso técnico de Informática. “Trabalhei por dez anos na área, mas nunca saiu da minha cabeça honrar meus pais e me dedicar ao campo”, conta. Quando procurou a Embrapa para fazer um curso sobre cultivo de cogumelos comestíveis, Tavares ouviu falar sobre a Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil (CNA) e o Serviço Nacional de Aprendizagem Rural (Senar). Assim, também ficou sabendo da seleção para o Curso Superior de Tecnologia em Agronegócio da Faculdade CNA. “Fiz o vestibular, passei em primeiro lugar e consegui uma bolsa de 75% de desconto na mensalidade”, recorda.

Das aulas iniciadas no primeiro semestre de 2015, o jovem destaca as disciplinas direcionadas aos aspectos gerenciais da atividade, que envolvem noções de controle e previsão de custos e investimentos, gestão de pessoas e *marketing*. “O foco é na administração rural e na importância de perceber a propriedade como uma empresa. É uma área que representa um gargalo no campo, já que o produtor pode deixar de tomar decisões importantes para o seu posicionamento no mercado”, analisa Tavares.

Durante o período na faculdade, o agora gestor em Agronegócio conheceu ferramentas de gerenciamento e passou a aplicar o que aprendeu na propriedade da família onde são cultivados horticultores e frutas. Apesar

de só conseguir ir até Carolina duas vezes por ano, o diálogo frequente com os pais e os irmãos fez com que fosse possível colocar em prática mudanças importantes. “Em dois anos, conseguimos atuar em diferentes aspectos da propriedade, como conservação ambiental, definição dos melhores locais para cultivo, questão legal, infraestrutura e logística”, descreve.

Trabalhando na área de suporte do SISATEG, plataforma de monitoramento de assistência técnica e gerencial do Senar, Tavares diz que tem identificação especial com a agroinformática e que pretende continuar os estudos na área. “Estou pesquisando as pós-graduações e também vou me associar à Associação Brasileira de Agroinformática. Quero me aproximar dos profissionais do ramo e conhecer mais sobre as tecnologias voltadas ao campo”, relata.

Visão abrangente – A Faculdade CNA foi criada em 2013 a partir de uma demanda identificada em estudos estratégicos promovidos pelo Instituto CNA. Uma das percepções e que levou à formação do currículo do curso de Tecnologia em Agronegócio foi a carência de profissionais qualificados para trabalhar na gestão das propriedades, detalha o diretor-geral



André Sanches, diretor da Faculdade CNA: profissional deve entender a realidade do setor, desde a produção de insumos até o mercado consumidor

Wenderson Araújo/Thiux

A agropecuária esteve entre os três setores que abriram postos de trabalho no Brasil em 2017. Foram 37 mil novas vagas geradas

da faculdade, André Sanches. “Precisamos de pessoas com visão holística, que percebam a realidade antes, dentro e depois da porteira, desde a produção de insumos até o mercado consumidor”, define. “Formar mão de obra capacitada para o setor é uma forma de prestarmos contas aos produtores que são representados pela CNA”, acrescenta.

Além da participação em disciplinas que incluem conteúdos como economia rural, gestão financeira, cenários internacionais, empreendedorismo e responsabilidade social e meio ambiente, os alunos do curso participam de visitas técnicas a propriedades e cooperativas e devem desenvolver um plano de negócios para um empreendimento. Os profissionais formados podem atuar, pelo menos, em três áreas, segundo



Professor Luiz Antonio Corrêa Lucchesi, da UFPR: engenheiro agrônomo deve investir em contínuo aperfeiçoamento para trabalhar em um setor tão dinâmico

Sanches. “Existem muitas possibilidades na gestão das propriedades, nas agroindústrias e nos ambientes institucional e regulatório do setor”, enumera o executivo.

Mercado aquecido – Responsável por 23% do PIB brasileiro e por 44% das exportações totais do País em 2017, o agronegócio emprega em torno de 18 milhões de pessoas, de acordo com pesquisas do Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada (Cepea/Esalq/USP).

Em 2017, cinco de oito segmentos da economia cortaram vagas de emprego, segundo o Ministério do Trabalho. A agropecuária, por outro lado, esteve entre os três que abriram postos, junto com comércio e serviços. O setor gerou 37 mil novas vagas.

A consultoria Michael Page, que trabalha com recrutamento executivo, revela que no ano passado as empresas do agronegócio ampliaram

em 25% a contratação de profissionais com perfil técnico e de gestão. Há o entendimento de que as companhias buscam gestores para posições estratégicas, como estruturação de processos, ampliação de mercado e internacionalização de operações. Formação preferencialmente em universidades de referência, MBA e segundo idioma são alguns dos diferenciais procurados.

Entre os cargos mais demandados estão os gerentes de fazenda, com salário estimado entre R\$ 10 mil e

R\$ 25 mil; coordenadores técnicos em áreas como irrigação, tratos culturais e monitoramento de pragas, com remuneração entre R\$ 6 mil e R\$ 12 mil; e coordenadores e gerentes comerciais, com ganhos entre R\$ 7 mil e R\$ 12 mil, mais valores variáveis. Para este último cargo, segundo a consultoria,

as empresas procuram cada vez mais profissionais formados em Agronomia, Zootecnia e Medicina Veterinária para

funções que incluem estratégia comercial de produtos, atendimento direto ao cliente e motivação de representantes técnicos de vendas.

Qualificação constante – Os processos que resultaram em transformações em todos os ambientes do agronegócio também geraram a necessidade de mudanças entre os profissionais que atuam na área. O contínuo aperfeiçoamento é o básico para trabalhar em um setor tão dinâmico, aconselha o professor Luiz Antonio Corrêa Lucchesi, coordenador do curso de Agronomia de Curitiba da Universidade Federal do Paraná (UFPR). “Além da aplicação do conhecimento na solução de problemas práticos, o ideal é que o engenheiro agrônomo tenha capacidade de comunicar-se de forma precisa e espírito de liderança para falar de estratégia e de política quando atuar, por exemplo, junto a comunidades ou cooperativas. É preciso saber se relacionar com pessoas de todos os perfis, desde as mais simples até as mais instruídas, porque essa é a realidade do setor”, argumenta.

Quem trabalha no campo não pode pensar apenas no campo, completa Lucchesi. “Tem que estar na lavoura de soja pensando na Bolsa de Chicago. E quando souber que vai chover, já tem que pensar no produto que irá recomendar se determinado problema aparecer”, salienta.

O professor Roberto Arruda de Souza Lima, coordenador do curso de Engenharia Agrônoma da Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz, da Universidade de São Paulo (Esalq/USP), tem argumento semelhante. “O estudo não se encerra com a graduação. O domínio de idiomas e ferramentas tecnológicas não são mais diferenciais, agora são requisitos mínimos. Também há o desafio de *marketing*, dos demais segmentos conhecerem e valorizarem as atividades e competências do engenheiro agrônomo”, complementa.

Além da coordenação do curso que completa um século este ano, o professor Lucchesi, da UFPR, também

No ano passado, as empresas do agronegócio ampliaram em 25% a contratação de profissionais com perfil técnico e de gestão



é vice-presidente na Região Sul da Confederação dos Engenheiros Agrônomos do Brasil (Confaeab). Atuante nas causas que defendem a profissão, ele critica o que considera uma abertura indiscriminada de cursos de Agronomia no Brasil. “É um processo que promove a diplomação, mas não a formação. Uma escola de Agronomia, por exemplo, não pode ser baseada no ensino a distância. É uma ferramenta interessante, mas que deve ser apenas complementar”, frisa. Da mesma forma, Lucchesi considera que os cursos superiores que formam tecnólogos devem estar focados em funções bem específicas, voltadas a atender a um determinado nicho de atuação.

O Ministério da Educação (MEC) contabiliza, em atividade no Brasil, 332 cursos de Agronomia ou Engenharia Agrônômica – as duas terminologias se referem à mesma formação. Já o sistema do Conselho Federal de Engenharia e Agronomia (Confea) registrava, na segunda quinzena de fevereiro, 101.779 engenheiros agrônomos ativos cadastrados no País.

Valorização da prática – Nas universidades, o ensino da Agronomia deve acompanhar a evolução percebida nas propriedades, agroindústrias e multinacionais. A capacitação em aspectos práticos da profissão é uma das prioridades na Esalq. Segundo o coordenador do curso da escola de Piracicaba, são mais de 70 grupos de extensão e diversas possibilidades de estágio oferecidas aos alunos por meio de convênios com empresas e instituições privadas e públicas. No ano passado, foram contabilizados 195 contratos de estágios entre os estudantes. “A internacionalização é outro importante diferencial, com oportunidades de intercâmbio em muitos países e dupla diplomação na França. Também é relevante destacar que o aluno convive em ambiente de excelência de pesquisa, que tem colocado a Esalq entre as cinco melhores universidades em *rankings* mundiais”, cita o professor Roberto de Souza Lima.



Alunos da Esalq em atividade prática: uma das mais antigas escolas de Agronomia do País formou, entre 2014 e 2017, uma média de 170 agrônomos por ano

Gerhard Weller/USP/Esalq-DvComum

O currículo da escola é continuamente revisto. Entre as mudanças recentes, está a preocupação com a visão holística, com a criação de disciplinas interdepartamentais e mudanças no processo de ensino-aprendizagem, reduzindo a carga dentro da sala de aula. “Também estamos focados na formação de profissionais éticos, o que é exemplificado com a recente criação da disciplina Vida Universitária e Cidadania”, prossegue.

Fundada em 1901, a Esalq é uma das mais antigas escolas de Agronomia do País e formou, entre 2014 e 2017, uma média de 170 engenheiros agrônomos por ano. A pós-graduação absorve em torno de 20% dos egressos do curso, outros 20% são alocados em funções ligadas a gestão, administração e economia, e pouco menos de 25% atuam diretamente na produção vegetal. Outras áreas de destaque são biotecnologia, produção animal, defensivos e engenharia de biosistemas.

Atuação com responsabilidade

– O maior enfoque em atividades práticas também faz parte da mais recente atualização da matriz curricular do curso de Agronomia da Universidade Federal de Lavras/MG (Ufla). A partir do primeiro semestre de 2019, a carga horária fora de sala de aula de algumas disciplinas vai aumentar, assim como alguns conteúdos passarão a ser 100% abordados diretamente no campo, observa a professora Flávia Barbosa Silva Botelho, coordenadora da graduação.

Formada pela universidade em 2005, Flávia também cursou o mestrado e o doutorado na Ufla em genética e melhoramento de plantas. “Gostava de genética desde as aulas de Biologia no ensino fundamental e, logo que entrei na universidade, escolhi essa área para me dedicar”, conta. Atualmente, ela ministra disciplinas sobre o tema na graduação e na pós-graduação, e ressal-

Entre os cargos mais demandados pelas empresas do setor, estão os gerentes de fazenda, com salário entre R\$ 10 mil e R\$ 25 mil

Mercado de trabalho do engenheiro agrônomo

O profissional pode atuar em instituições públicas e empresas privadas em áreas como:

- ▶ planejamento e gerenciamento de propriedades rurais;
- ▶ gestão e monitoramento de recursos naturais;
- ▶ administração e gerenciamento da produção agropecuária;
- ▶ produção e utilização de insumos agrícolas;
- ▶ produção, processamento e comercialização de grãos, frutas, hortaliças e ornamentais;
- ▶ transferência de tecnologia e assistência técnica aos produtores rurais;
- ▶ armazenamento, transporte e comercialização de produtos agropecuários;
- ▶ melhoramento genético de plantas e animais;
- ▶ capacitação de recursos humanos;
- ▶ gestão e consultoria no agronegócio;
- ▶ orientação técnica relacionada a crédito rural e mercado financeiro;
- ▶ planejamento e execução de projetos ligados à engenharia de biosistemas.

Fonte: Esalq/USP

ta a importância desse tipo de pesquisa para a agricultura brasileira. “Se não houvesse o estudo e a recomendação de materiais adaptados a diferentes condições, o País não seria a potência agrícola que é hoje”, destaca.

Nas primeiras posições de *rankings* nacionais de avaliações de cursos, a formação da Ufla conta com o trabalho de 163 professores doutores com dedicação exclusiva. No ano passado, 986 alunos estavam matriculados no

curso, que forma uma média de 146 engenheiros agrônomos por ano. “Entre 60% e 65% dos formados seguem na pós-graduação e com frequência trabalham em instituições públicas de pesquisa e universidades. Outra parcela é absorvida por empresas multinacionais que fazem recrutamento ainda entre os estudantes, para preenchimento de vagas de estágio”, detalha Flávia.

Na avaliação da professora, além de todo conhecimento técnico, o en-

genheiro agrônomo qualificado não pode deixar de lado a preocupação com a sustentabilidade ambiental, tão essencial nos processos produtivos. “O Brasil tem posição de destaque no abastecimento de alimentos para o mundo, mas essa produção, além de atender a requisitos de qualidade, precisa ser responsável”. A relevância desses aspectos, continua Flávia, valoriza funções do agrônomo em áreas como eficiência no uso da água e dos insumos.

A professora Laura Bonifácio Guimarães, diretora da Faculdade de Agronomia da Universidade de Rio Verde/GO (UniRV), concorda e acrescenta: “Essa responsabilidade deve vir da postura ética do agrônomo e que forma a credibilidade do profissional no mercado”, afirma.

Convivência do ensino com a produção – Em uma região com forte potencial agrícola, o contato direto com produtores favorece o progresso das pesquisas no ambiente acadêmico. “Nosso curso foi criado em 1987 justamente pela demanda que havia

Solução para a aplicação de dados



Divulgação

A necessidade de analisar e aplicar na prática a imensa quantidade de informações geradas por equipamentos cada vez mais precisos motivou a criação do curso de Big Data no Agronegócio na Faculdade de Tecnologia (Fatec-Shunji Nishimura), em Pompéia/SP. A instituição também é responsável pelo curso que forma tecnó-

gos em Mecanização em Agricultura de Precisão desde 2010.

Pioneira na América Latina, a formação em *big data* envolve informática (mais de 60% do curso), agricultura e administração, além de assuntos de disciplinas de matemática, física e biologia. O conteúdo foi baseado em cursos realizados na Finlândia e nos Estados Unidos, revela o professor Luis Hilário Tobel Garcia (foto), coordenador do curso.

Nas disciplinas, os estudantes aprendem a manipulação e a instalação de equipamentos capazes de captar e gerar dados, assim como o desenvolvimento de programas para reunir e analisar esse grande volume de informações. Propriedades rurais, revendas de insumos, consultorias,

empresas prestadoras de serviços agrônômicos, desenvolvedoras de *softwares* e fabricantes de máquinas agrícolas são algumas das possibilidades de trabalho para profissionais da área.

A primeira turma em *big data* teve início em fevereiro de 2017, e 40 alunos ingressam por semestre. “As noções em agricultura, que incluem temas como plantio, pulverização, irrigação e monitoramento de pragas, são importantes para que os profissionais possam falar a mesma língua de quem trabalha diretamente com o agro. As futuras funções incluem a criação e a aplicação de soluções para pequenos, médios e grandes produtores”, descreve Garcia. Segundo o professor, muitos alunos são egressos de escolas técnicas de informática ou até de outras faculdades.



por profissionais e serviços”, recorda Laura.

O intercâmbio entre sociedade e instituição de ensino é constante e ocorre via Sindicato Rural e Cooperativa Agroindustrial dos Produtores Rurais do Sudoeste Goiano (Comigo). “Inclusive, um dos diretores da cooperativa é nosso egresso”, lembra a professora. A UniRV ainda mantém parcerias com associações, com a Emater, com empresas que atuam na região e com instituições de pesquisa, como a Embrapa Arroz e Feijão.

As últimas mudanças incorporadas e as recentes modificações na matriz curricular que ainda estão em análise também são resultado de situações percebidas no dia a dia das propriedades. É o caso da introdução de disciplinas relacionadas à agricultura de precisão, como Aerofotogrametria e Fotointerpretação. Entre os conteúdos optativos, por exemplo, o curso passou a oferecer nos últimos anos a disciplina de Controle Biológico.

Professor Anderson Neckel, da UPF: conteúdo do curso de Gestão do Agronegócio inclui temas como sistemas agroindustriais, logística, estratégia e marketing

Enfoque específico – Nos últimos anos, algumas instituições de ensino incorporaram cursos superiores em tecnologia às suas ofertas de vagas. São universidades que mantêm as formações tradicionais, mas também investem em programas com menor duração e foco em determinadas áreas.

Esse é o caso, por exemplo, da Universidade de Passo Fundo (UPF), no Rio Grande do Sul. A Faculdade de Agronomia e Medicina Veterinária existe desde 1960, mas em 2008 foi criado o curso



Alessandra Pasinato/UPF

de Gestão do Agronegócio no âmbito da Faculdade de Ciências Econômicas, Administrativas e Contábeis, com duração de sete semestres. Atualmente são quatro turmas em andamento, todas com cerca de 30 alunos.

O conteúdo está relacionado a temas como sistemas agroindustriais e de produção de matérias-primas vegetais



MAIS BENEFÍCIOS, MELHORES RESULTADOS.

Visite nosso estande no pavilhão 2 da feira Expodireto - Cotrijal em Não-Me-Toque - RS

De 5 a 9 de Março

Palestra exclusiva SulGesso - Não se produz só com NPK: A importância dos demais nutrientes na construção da fertilidade de solos.

07/03 | 14 h

Local: Pavilhão Principal



EXPODIRETO COTRIJAL



SulGesso
INDÚSTRIA E COMÉRCIO SA



Marcelo Pellegrini, aluno da UPF: com o que aprendeu no curso, ele pretende ajudar na diversificação da propriedade da família

Divulgação

e animais, logística, estratégia, *marketing* e recursos humanos, assinala o professor Anderson Neckel, coordenador do curso. “Os trabalhos práticos e as visitas técnicas, inclusive internacionais, ampliam os conhecimentos e desenvolvem o raciocínio sistêmico no campo do agronegócio. O egresso apresenta habilidades para compreender, analisar e tomar decisões partindo do domínio dos processos de gestão e das cadeias produtivas em meio a um cenário complexo e de extrema competição”, sustenta.

O professor menciona que os formandos são incentivados a dar continuidade à qualificação em diferentes cursos de pós-graduação oferecidos pela UPF em áreas como Administração, Agronomia e Engenharia Florestal. Aos que seguem diretamente para o mercado de trabalho, as possibilidades são diversas, com atuação em propriedades, cooperativas, associações, empresas de insumos, consultorias e organizações não-governamentais.

Expansão de ideias – Grande parte dos alunos são filhos de produtores rurais da região Norte do Rio Grande do Sul.

Outros trabalham em empresas do setor e buscam melhor colocação profissional. No último semestre da formação, Marcelo Pellegrini, de 20 anos, buscou o curso para dar continuidade aos negócios da família em Parai/

RS, distante 90 quilômetros de Passo Fundo. A propriedade é voltada à criação integrada de 1,8 mil cabeças de suínos, mas o objetivo, para os próximos anos, é investir em alguma forma de diversificação. “Entrei no curso justamente para expandir o pensamento, para buscar uma visão mais ampla do mercado e ter novas ideias”, argumenta o jovem, lembrando que já colocou em prática métodos aprendidos em sala de aula.

No trabalho de final de curso, Pellegrini está abordando o turismo rural, com a intenção de ajudar a prefeitura de Parai a elaborar um projeto para valorizar os atrativos locais e atrair visitantes para o município. “Também me interessa bastante pelo *marketing* do agronegócio e penso na possibilidade de fazer uma especialização ou um mestrado nessa área”, declara.

Definição estratégica – Com um total de 19 unidades distribuídas estrategicamente em diferentes regiões do estado, o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso (IFMT) oferece bacharelados e tecnólogos que preenchem demandas em áreas distintas do agronegócio. Entre as opções estão os cursos de Agronomia, Zootecnia, Gestão Ambiental, Engenharia Florestal e os de tecnologia: Biocombustíveis, Agroindústria, Agronegócio e Produção de Grãos. Também há as licenciaturas em Ciências Biológicas e Ciências Agrícolas.

Em um estado com vocação para a agropecuária, a atenção ao ensino voltado para a área é um processo natural, mas que também resulta do olhar para as necessidades da sociedade, salienta a diretora de Graduação do IFMT, Ma-



Marilane Alves Costa, diretora do IFMT: parte dos estudantes representa uma nova geração de produtores que logo estará à frente dos negócios

Juliana Michada/Ascom/Reitoria/IFMT



rilane Alves Costa. “Antes da criação de um novo curso, realizamos pesquisas de mercado e levantamentos junto a órgãos como o IBGE, além de consultas regionais em escolas, sindicatos e representações empresariais”, cita.

A diretora conclui que, mesmo cursos que não são específicos da área, como o de Engenharia de Controle e Automação, formam profissionais procurados pelo mercado. “São trabalhadores importantes nas indústrias de máquinas agrícolas, por exemplo”, completa.

Além da atração pela oferta de vagas em empresas ligadas ao agro, Marilane constata que parte dos estudantes dos cursos superiores representa uma nova geração que logo deverá estar à frente dos negócios iniciados por seus pais ou avós. “São profissionais que precisam estar atentos às transformações do setor, que requerem não apenas o uso de tecnologias de ponta, mas também o emprego de boas práticas de sustentabilidade”, aponta.

Atenção à lavoura – No *campus* do IFMT em Sorriso – um dos municípios que mais produzem soja e milho no País – um dos cursos disponíveis é o de Tecnologia em Produção de Grãos. O professor Laerte Gustavo Pivetta observa que a formação, diferentemente da Agronomia, não abrange culturas como

Rafael Caciolato (à esquerda) e Laerte Pivetta: aluno e professor do curso de Tecnologia em Produção de Grãos, que tem como um dos diferenciais as disciplinas que abordam a armazenagem



Ascom IFMT/Campus Sorriso

frutas, hortaliças ou cana-de-açúcar. “É um curso mais rápido, de três anos, em que a abordagem é sobre cultivos como soja, milho, feijão e algodão”, pontua.

O conteúdo inclui aspectos de nutrição de plantas, mecanização agrícola, doenças, pragas e invasoras, manejo e conservação do solo e da água, gestão ambiental e climatologia. “Um dos diferenciais são as disciplinas de secagem, beneficiamento e armazenamento de grãos e sementes. É uma área de grande importância, porque o Brasil, de uma forma geral, ainda trata mal seus grãos no pós-colheita”, reflete Pivetta.

Além das aulas práticas e teóricas, os alunos são beneficiados por uma série de convênios e parcerias estabelecidos

com produtores da região, laboratórios, empresas e instituições de pesquisa.

Aos 29 anos, Rafael Caciolato está no último semestre do curso. Ele conta que a ideia inicial era estudar Agronomia, mas o plano foi adiado porque a graduação, também ofertada no *campus* de Sorriso, é de turno integral. “Como precisava trabalhar, optei pelo tecnólogo, que é no período noturno, mas ainda vou fazer Agronomia. Posso inclusive aproveitar algumas disciplinas”, diz.

Natural do Paraná e já formado em Direito, Caciolato foi com a família para Sorriso há 17 anos. Trabalhou com advocacia e também em uma empresa de insumos agrícolas. Agora, com bolsa da Fundação de Amparo à Pesquisa de Mato Grosso (Fapemat), está envolvido exclusivamente com um projeto de pesquisa realizado com o professor Pivetta. O estudo irá avaliar plantas de milho cultivadas em diferentes datas de semeadura na mesma propriedade.

Sobre os planos para o futuro, o estudante se revela entusiasmado. “Tudo que está relacionado à agricultura me interessa. Penso que poderia trabalhar ou em uma multinacional, ou em fazendas da região, ou até fazer um concurso público na área. E um dia, se Deus permitir, quero ter a minha própria terra”. ☺

Ensino para o campo

Além dos cursos tradicionais de Agronomia, Veterinária e Zootecnia, outras formações de ensino superior podem abrigar funções no agronegócio. Alguns exemplos:

✓ Biologia	✓ Tecnologia de Laticínios
✓ Biotecnologia	✓ Tecnologia em Biocombustíveis
✓ Ciência dos Alimentos	✓ Tecnologia em Gestão Ambiental
✓ Engenharia Ambiental	✓ Tecnologia em Gestão do Agronegócio
✓ Engenharia de Pesca	✓ Tecnologia em Produção Sucoalcooleira
✓ Engenharia Agrícola	✓ Tecnologia em Geoprocessamento
✓ Engenharia Florestal	✓ Tecnologia em Agroindústria
✓ Meteorologia	✓ Tecnologia em Alimentos